

96.5.12660

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 106

A Alemanha no Pacífico

PUBLICADA PELO

Col. 20

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1918



A Alemanha no Pacifico

A historia do aparecimento recente da Alemanha como potencia anexionista no Pacifico, é uma serie de intrigas e inquietações. Fiada na benevolencia da Gran Bretanha e da America, ela arriscou-se a uma conflagração internacional pelo seu sistema de desprezo pelos compromissos e de recusa brutal de reconhecer os direitos dos indigenas. Como pioneiro, enviou a Alemanha o comerciante; quando os seus manejos falhavam, repudiavam-se as suas violencias; quando obtinham exito, o governo alemão entrava logo de posse, reclamando os frutos. Serve como exemplo as ilhas de Samôa. Miss Cordon Cummings, testemunha ocular dos metodos empregados pela principal firma comercial daquela praça, faz a seguinte declaração: «A casa Godeffroy de Hamburgo fez-se o sorvedouro do Pacifico. Obrava sem escrupulos. Suplantava os outros comerciantes e assegurava a sua posição, alimentando astuciosamente as contendas que se suscitavam entre as tribus indigenas, sempre latentes entre os samoanos, e fornecia então aos beligerantes, com toda a liberalidade»

armas e munições dos seus arsenais em Liège (Belgica). Em troca destas uteis importações recebiam grandes extensões dos terrenos mais ferteis de Samôa.» Um ex-empregado dá no Anuario da Nova Zelandia, a seguinte descrição do sistema seguido pela firma Godeffroy: «A todos os seus agentes, que eram numerosos e espalhados em toda a parte, dava-se uma ordem breve mas explicita: «Nunca dareis auxilio por palavras nem obras aos missionarios, e onde quer que os encontrardes, procurareis por todos os meios afastá-los dos indigenas e causar-lhes embaraço.»

Tendo sido assunto dum inquerito internacional estes metodos dos negociantes alemães, e tendo-se chegado a uma conclusão adversa á Alemanha, entrou em cena Bismarck com o seu punho de ferro, apesar de ter prometido acatar a sentença da Comissão. O Chanceler Imperial anexou imediatamente uma grande parte da Nova Guiné e as ilhas conhecidas hoje pelo nome de Arquipelago Bismarck, com uma área de 90.000 milhas quadradas e uma população de meio milhão. Porém, para obter «um logar ao sol» muito mais importante que estas colonias aos olhos da Alemanha era a sua posição estrategica pois atravessava o caminho marítimo da costa mais indefeza da Australia e possuia um valor potencial extraordinario podendo servir de base naval para futuras depradações. Em 1899 comprou a Alemanha á Espanha pela soma de 840.000 libras, as ilhas Carolinas, Pelew e Marianas. Fóra do Arquipelago Bismarck, pos-

sue a Alemanha no grupo Samôa as ilhas de Savaii e Upolu que lhe foram cedidas no mesmo ano pela Gran Bretanha. Do ponto de vista comercial ou colonial estas possessões, espalhadas pelo Pacifico, não compensam a despesa de administração como se prova pelo facto que, segundo o ultimo censo antes da guerra, não passavam de 800, e esses quasi todos empregados do governo, os alemães ali estabelecidos, e que o balanço comercial dava o seguinte resultado em 1912-1913:

Arquipélago Bismarck

	Importações	Exportações	Total
Solomon & Kaiser.			
Wilhelmsland...	285,262	252,055	537,317
East Carolines & Marshalls.....	98,131	258,184	356,315
West Carolines, Pelew & Marianne Islands.....	68,629	94,100	162,730

Como os contribuintes alemães teem tido de fornecer anualmente uma subvenção de 82.500 libras para a manutenção destas colonias do Pacifico, e como o total das subvenções concedidas ao novo «Imperio Colonial» soma 5.340.500 libras por ano, a Alemanha não poderá insistir na restituição das suas possessões de além-mar alegando a perda financeira que tem sofrido.

Terá sempre um caracter agudo no Pacifico



do Sul o problema de mão d'obra inerente a todas as dependencias tropicais ou semi-tropicais. Onde os recursos de mão d'obra são suficientes em numero os indigenas não querem trabalhar e os metodos coercivos alemães servem só para estancar a fonte manancial. A natureza forneceu aos povos indigenas meios de sustento sem a necessidade de trabalhar e falta-lhes outro incitamento ao trabalho. A proposito da mão d'obra nestas regiões diz um individuo autorizado: «O coqueiro é o unico responsavel de ambas as partes. O homem branco quer estabelecer plantações de coqueiros em ponto grande. Por seu lado o indigena possui um ou dois coqueiros e vive do seu produto... Nalgumas ilhas os caçacabeças exterminaram os indigenas; noutras os que ainda existem teem coqueiros e não querem trabalhar.» Esta é a verdade fundamental que a Alemanha não pode aceitar. Referindo-se ao Protectorado Alemão da Nova Guiné, do qual fazem parte o Arquipelago Bismarck, as Ilhas alemãs do grupo Salomão e outros grupos, diz a mesma autoridade: «Estes grupos e ilhas teem uma administração central; segundo o sistema prussiano foram reunidos debaixo dum só governo e submetidos ás mesmas leis, as quais são confeccionadas em Potsdam e applicadas com as formalidades burocraticas de Berlim.» Foram importados para as ilhas Samôa uns 500 chins; «os indigenas apontam para sepulturas inumeras onde jazem os «Hong Kongs», como eles apelidam os chins, testemunhos ex-

pressivos do modo brutal por que os alemães tratam os trabalhadores importados».

Em todas estas ilhas o principal artigo de commercio é a copra; porém ha varios outros artigos de importancia secundaria, tais como a areca e o sagú; palmeiras, bambus, ébano e outras madeiras; madreperola e trepam (holoturria); algodão, café, borracha e pau sandalo; finalmente, fosfatos, que é o principal artigo de exportação das ilhas Marshall.

